

**ENTREVISTA EM MANUAIS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS:
UM GÊNERO TEXTUAL PARA ENSINAR A ORALIDADE****INTERVIEW IN TEXTBOOKS FOR THE EDUCATION OF YOUNG PEOPLE,
ADULTS AND ELDERLY PEOPLE: A TEXTUAL GENRE TO TEACH ORALITY**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2023v14n1p291-313

Fabrini Katrine da Silva Billo¹
Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo Barbosa²
Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel³
Haila Ivanilda da Silva⁴
Letícia Jovelina Storto⁵

Resumo: Este artigo tomou como objetivo geral investigar a didatização da entrevista na coleção de livro didático “EJA Moderna”, destinada à Educação de pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI); e de modo específico, compreender quais estratégias são propostas para a vivência do gênero textual no contexto escolar. Para alcançar esses objetivos, ancoramos nosso trabalho em pressupostos de estudos da oralidade, com foco nas proposições de livros didáticos destinados à EJAI. Do ponto de vista metodológico, recorremos à Análise Documental e à Análise de Conteúdo e tratamos os dados sob uma lente qualitativa. De acordo com os resultados, observamos que o livro investigado propicia reflexões sobre o gênero entrevista em vários aspectos. Constatamos que o livro mobiliza a ação pedagógica de levantar conhecimentos prévios sobre o gênero em questão, o que contribui para a possibilidade de um planejamento de ensino da oralidade a partir dos conhecimentos dos(das) educandos(as). Outro achado interessante é o fato de o livro tratar sobre a estrutura composicional e a função social da entrevista, atentando para os papéis sociais dos interlocutores e para a alternância dos pares perguntas e respostas. As conclusões do estudo apontam para a importância de a obra contribuir para o ensino da produção da entrevista.

Palavras-Chave: gênero textual entrevista; ensino de oralidade em EJAI; manuais didáticos.

Abstract: The general objective of this article was to investigate the didacticization of the interview in the textbook collection “EJA Moderna”, aimed at the Education of Young, Adult and Elderly People (EJAI); and specifically, to understand which strategies are proposed for the experience of textual genre in the school context. To achieve these objectives, we anchor our work on assumptions of orality studies, focusing on proposals for textbooks intended for

1 Doutora em Educação, professora de Língua Portuguesa da rede Estadual de Pernambuco; e-mail: fabrinibillo@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9598-3908>

2 Doutora em Letras e Linguística, Docente Associada IV da Universidade Federal de Pernambuco; e-mail: maria.ffbarbosa@ufpe.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1331-5039>

3 Doutora em Educação. Docente do PPGE UPE. debora.amorim@upe.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6408-1626>

4 Mestre em Educação, professora dos anos iniciais da rede Municipal de Pernambuco; e-mail hailasilva@live.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6677-7029>

5 Doutora em Estudos da Linguagem, professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP); e-mail: leticiajstorto@gmail.com; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7175-338X>

EJAI. From a methodological point of view, we resorted to Document Analysis and Content Analysis and treated the data under a qualitative lens. According to the results, we observed that the investigated book provides reflections on the interview genre in several aspects. We found that the book mobilizes the pedagogical action of raising prior knowledge about the genre in question, which contributes to the possibility of planning the teaching of orality based on the knowledge of the students. Another interesting finding is the fact that the book deals with the compositional structure and the social function of the interview, paying attention to the social roles of the interlocutors and to the alternation of pairs of questions and answers. The study's conclusions point to the importance of the work in contributing to the teaching of interview production.

Keywords: textual genre interview; orality teaching in EJAI; didactic manuals.

Considerações iniciais

Tornou-se uma afirmação corrente a de que a escola precisa ensinar a oralidade. Contudo, parece haver demandas referentes à necessidade de considerar o quê ensinar, para quê ensinar (objetivos), para quem ensinar e como ensinar (MAGALHÃES, 2007; MORATTO; STORTO; BARROS, 2019; COSTA-MACIEL, 2014; BUENO; JACOB; ZANI, 2022; SOUZA, 2022; LEAL, 2022; BILRO, 2023; STORTO; BRAIT, 2021). Aparentemente, são aspectos óbvios quando vistos à luz do senso comum, mas, quando tratados sob a ótica dos estudos que tomam a oralidade como objeto de ensino, emergem dúvidas por parte das escolas e seus/suas professores/as, que são desafiados/as a atender às demandas curriculares que prescrevem o ensino da oralidade, inclusive aos/as educandos/as da Educação de pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI).

Vêm somar esforços ao enfrentamento desses desafios os livros didáticos de Língua Portuguesa; em particular, aqueles destinados a um público com as especificidades do que é atendido pela modalidade da EJAI. Historicamente, essa modalidade se constituiu como um campo em que os materiais didáticos têm sido subestimados, negligenciados e até mesmo negados, como é o caso recente observado em governos entre os anos de 2016 e 2022, os quais dilapidaram o maior e mais inclusivo *Programa de Livro Didático para EJAI* que se tem conhecimento no país. A propósito desse fato, vale ressaltar que, em 2008, uma ação foi marcante para esse campo, a qual diz respeito ao *Programa do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos - PNLA* (BRASIL, 2008), cuja premissa foi a de subsidiar a alfabetização de educandos/as da EJAI, em âmbito nacional, com aportes da política pública para o que se denominou *Programa Brasil Alfabetizado – PBA* (BRASIL, 2008). Foi objetivo desse programa, explicitado no *Guia do PNLA* (BRASIL, 2008, p. 7), propiciar o acesso a

variadas práticas sociais alargando as experiências de letramento dos/as alunos/as, com acesso, dentre outros bens culturais, ao livro didático.

Com vistas a uma maior abrangência na distribuição de livros didáticos àqueles educandos, o PNLA, em 2011, foi integrado ao *Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos* (PNLD-EJA), ao qual cabia assegurar o acesso a obras didáticas por parte das escolas públicas direcionadas ao público da EJAI, assim como a parceiras do *Brasil Alfabetizado*, que ofertava ensino do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A partir da instituição do PNLD-EJA (BRASIL, 2011), manteve-se incorporado o PNLA, com ampliação ao acesso a livros didáticos para os/as educandos/as da EJAI em todo o país. Na esteira das mudanças implementadas no âmbito das políticas públicas voltadas ao campo, em tela, ressalta-se o PNLD-EJA, que abarcou a Alfabetização, os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, com a intenção de o Ministério da Educação buscar fomentar uma política que tivesse condições de qualificar os livros didáticos da EJAI (BRASIL, 2014).

Não obstante tenha havido avanços alcançados por meio dos Programas acima mencionados, ressaltamos a importância de investigarmos os livros didáticos de EJAI, com vistas a saber como essas evoluções impactam no ensino de Língua Portuguesa, particularmente no ensino da oralidade, com foco nos gêneros que se manifestam nessa modalidade, no contexto da EJAI, uma vez que a “ampliação das práticas de oralidade significa dar ao/à aluno/a o direito de apreender um instrumento necessário não apenas ao ambiente escolar, mas, principalmente, à vida em sociedade” (COSTA-MACIEL; BILRO; MAGALHÃES, 2020, p. 246).

Os gêneros orais, segundo a *Base Nacional Curricular Comum - BNCC* (BRASIL, 2018), enquanto objetos a serviço das práticas sociais da língua, servem em sua materialidade à abordagem dessas práticas, assim como da sua heterogeneidade textual. Nesse sentido, propiciam meios para análise das condições sociais de produção e recepção de textos, assim como abrem espaço para um quadro de análise que permite a elucidação de conteúdos, a organização do conjunto do texto e das sequências que o compõem, das unidades linguísticas e das características imbricadas nas especificidades da textualidade (MARCUSCHI, 2008; MELO; CAVALCANTE, 2007; COSTA-MACIEL; BILRO; MAGALHÃES, 2020).

Em nosso estudo, por exemplo, tratamos sobre a entrevista oral em situação formal. Ao egermos esse gênero para discutirmos a respeito do ensino de oralidade em livros didáticos da EJAI, fomos movidas pela afirmação de Schneuwly e Dolz (2004, p.73), para os quais a entrevista é

Uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como um jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações [...]; o entrevistado uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas.

É nessa perspectiva que assumimos, neste estudo, o objetivo geral de investigar a didatização da entrevista na coleção de livro didático “EJA Moderna” (2014) em seus volumes de 1º ao 9º ano. De modo específico, pretendemos compreender as estratégias propostas para a vivência do gênero no contexto escolar. Com vistas a alcançarmos esses objetivos, ancoramos o nosso trabalho em estudiosos como Bueno e Costa-Hubes (2015); Magalhães e Cyranka (2016); Costa-Maciel (2018); Schneuwly e Dolz (2004); Dolz e Bueno (2015); Dolz e Messias (2015); Bakhtin (2019), dentre outros. De cunho qualitativo, o estudo adota a perspectiva de análise interpretativa dos dados (BORTONI-RICARDO, 2008), bem como da análise documental (LUDKE; ANDRÉ, 1986; MOREIRA, 2005).

Do ponto de vista dos resultados, observamos evidências quanto ao fato de o livro didático investigado propiciar reflexões sobre aspectos importantes para a apropriação do gênero, tais como as características da entrevista, seu conceito, objetivo e função comunicativa social, os quais foram objetos, de início, de levantamento de conhecimento prévio sobre a entrevista, o que contribui para que o docente realize uma avaliação diagnóstica, reconhecendo o conhecimento *a priori* dos/das estudantes, a fim de organizar e sistematizar, com clareza, seu planejamento de ensino. Consideramos significativo o fato de a obra, além de contemplar os papéis desempenhados pelos interlocutores em uma dada entrevista, explicitar características composicionais que são parte do funcionamento desse gênero, tais como perguntas e respostas, as quais são manejadas no processo da interlocução. De modo geral, os resultados evidenciam que o livro investigado contribui para que os/as estudantes de EJAII apropriem-se do gênero entrevista, inclusive no que se refere à sua produção.

A seguir, apresentamos a perspectiva metodológica que pautou o nosso estudo.

Metodologia

Selecionamos a coleção “EJA Moderna” 1º ao 9º anos, destinada à Educação de pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAII). A escolha foi guiada por três (3) motivações: inicialmente, por ser uma das obras mais requisitadas nas escolhas dos livros aprovados pelo *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD), edição 2014; em segundo, por ser a obra mais adotada em

escolas públicas da Mata Norte de Pernambuco; por fim, por indicar entre as suas propostas o trato com o gênero entrevista.

De posse dos sete (7) volumes que compunham a coleção, iniciamos um levantamento em busca de localizar o gênero entrevista e a quantidade de propostas didáticas que tomam esse gênero como objeto de reflexão. Em seguida, verificamos que o gênero entrevista foi mobilizado duas (2) vezes na coleção em tela. No primeiro momento, no volume do 3º ano do Ensino Fundamental; no segundo, no 8ª ano. Observamos as estratégias para o ensino do gênero tematizado, perseguindo o objetivo do artigo, e trouxemos como amostra representativa o modal do gênero apresentado no livro do 8º ano.

Em função de ser uma pesquisa que tem por base o livro didático, dialogamos com a tipologia de pesquisa documental, que é caracterizada como uma técnica de pesquisa que mostra, de forma contextualizada, novos aspectos de um tema ou um problema, a partir de um momento de localização, identificação, organização e avaliação das informações presentes no documento (LUDKE; ANDRÉ, 1986; MOREIRA, 2005).

Na análise dos dados, direcionamos um olhar qualitativo com a mirada no “compromisso com a interpretação das ações sociais e com o significado que as pessoas conferem a essas ações na vida social” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Diante dessa colocação, pautamos nosso estudo na interpretação das proposições da obra para o trato com a entrevista, preocupando-nos em investigar o que estava posto nela, bem como interrogando os dados.

Em face do olhar qualitativo, empregamos os encaminhamentos da análise de conteúdo categorial (OLIVEIRA; ANDRADE; ENS; MUSSIS, 2003, p. 3-4). Essa abordagem metodológica, a partir da reunião de um conjunto de técnicas complementares, busca “explicar e sistematizar o conteúdo da mensagem e o significado desse conteúdo, por meio de deduções lógicas e justificativas, tendo como referência sua origem (quem emitiu) e o contexto da mensagem ou os efeitos dessa mensagem” (OLIVEIRA; ANDRADE; ENS; MUSSIS, 2003, p. 3-4).

Esse diálogo metodológico também se afina com as bases teóricas que explicam o objeto deste artigo. Nessa direção, vejamos, a seguir, a fundamentação teórica do nosso estudo.

Fundamentação Teórica

O ensino da oralidade é previsto em documentos que orientam o currículo das escolas brasileiras, explicitamente, desde a década de 1990 (BRASIL, 1996). A defesa é de que o

domínio mais formalizado e convencional da língua necessita ser ensinado, tendo em vista uma formação que prepare o indivíduo para o efetivo uso da palavra pública e, conseqüentemente, exercício ativo da cidadania. Nesse contexto, a escola desempenha função fulcral de oportunizar a sistematização do oral, em todos os anos e modalidades da educação, inclusive na EJAI (BRASIL, 2018, 1998, 1996).

Essas ponderações partem da premissa de que somos seres interativos, e de que é no espaço interacional, mediado pelo uso da linguagem e regulado pelas regras e normas sociais, que se fundam e se desenvolvem os processos de socialização, os quais acontecem por meio de uma negociação permanente entre pares conversacionais, sujeitos falantes, que, a depender do grau de formalidade da situação interacional, necessitam elaborar o discurso. Assim, quando fazemos uso da linguagem, realizamos ações individuais e sociais que são manifestações socioculturais materializadas a partir dos gêneros textuais (DIONÍSIO, 2005).

Segundo Bakhtin (2019), os gêneros são imprescindíveis na interação discursiva, tendo em vista que intermedeiam e materializam os variados discursos que circulam na sociedade. Em função da finalidade da interação e dos contextos (de produção, circulação e recepção) dos discursos, os gêneros são selecionados e, com isso, o estilo discursivo, isto é, tudo que se faz necessário à sua realização. Esse movimento possibilita a formação de um saber social comum, uma base que orienta os sujeitos acerca do gênero produzido e dos contextos nos quais são mobilizados. Isso nos faz compreender que “cabe dominar bem os gêneros para empregá-los livremente” (BAKHTIN, 2019, p. 41), porque

Quanto mais dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que os empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação - em suma, tanto mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2019, p. 41).

Com base nessa perspectiva, diversas obras (BUENO; COSTA-HUBES, 2015; CYRANKA; MAGALHÃES, 2016 etc.) e autores/as (DOLZ; BUENO, 2015; COSTA-MACIEL, 2018; STORTO; BRAIT, 2021, 2020; MAGALHÃES; MATTOS, 2021; CAVALCANTE; MELO, 2007 etc.) discutem a necessidade do desenvolvimento de um trabalho pedagógico com gêneros textuais que possibilite a ampliação das diversas capacidades comunicativas, voltadas ao uso da oralidade, de maneira a expandir o repertório discursivo dos sujeitos, tornando-o mais complexo e elaborado, especialmente em domínios menos familiares. Para que, assim, possam mobilizar os saberes necessários ao uso da oralidade não só em contextos privados, mas nas diversas esferas sociais em que estejam inseridos.

O estudo da oralidade enquanto objeto autônomo de ensino, a partir do trato com os gêneros formais, exige, tanto de docentes quanto de discentes, a construção e a mobilização de saberes próprios a esses eventos comunicativos. Dentre os saberes necessários ao ensino dos gêneros orais, pesquisas realizadas por Schneuwly e Dolz (2004), Dolz e Bueno (2015), Dolz e Messias (2015) apontam que isso deve abranger elementos voltados:

1. à situação de comunicação, como os papéis assumidos pelos/as interlocutores/as, o lugar social de interação e o objetivo de produção;

2. ao conteúdo temático e à organização textual, maneira como o conteúdo é organizado textualmente;

3. à textualização ou a mecanismos de textualização, uso dos recursos linguísticos-discursivos;

4. à funcionalidade dos suportes, materiais que apoiam a realização dos gêneros orais;

5. à mobilização dos meios extralinguísticos, paralinguísticos (entonação) e cinésicos (gestos, olhares, posição), que compõem a materialidade do texto oral.

Nesse contexto de compreensão das dimensões ensináveis do oral, que devem ser observados no contexto do ensino da entrevista, os livros didáticos de Língua Portuguesa assumem uma função bastante significativa, configurando-se como instrumentos que podem subsidiar a prática docente, ofertando um repertório de conteúdos a serem aprendidos e uma série de estratégias didáticas que podem ser mobilizadas e ampliadas pelos/as professores/as ao longo do desenvolvimento de suas práticas (COSTA-MACIEL; BILRO, 2016; BILRO; BARBOSA; COSTA-MACIEL, 2022).

No entanto, é importante ressaltar que o trato com a oralidade é uma das principais demandas apontadas por pesquisas que tomam esse eixo de ensino como objeto de investigação nos livros didáticos utilizados no ambiente escolar (COSTA-MACIEL, 2006; MAGALHÃES,

2007; STORTO, BRAIT, 2020). Ademais, pesquisas mostram que estudantes da EJAI reclamam da pouca atenção dada ao ensino na oralidade (LEAL; SEAL, 2012). Diversos/as autores/as, dentre eles, Rojo (2003), Marcuschi (2005), Mendes (2022) e Storto e Brait (2020) revelam a carência de propostas didáticas que tomem o oral como objeto de ensino e de aprendizagem de maneira sistemática e direcionada, e que possibilitem a ampliação de capacidades de linguagem essenciais à participação dos sujeitos nos variados contextos discursivos por meio da oralidade.

Ao direcionarmos nosso olhar para as investigações que tratam do ensino dos gêneros orais no contexto da EJAI, objeto de análise da nossa investigação, observamos que esse cenário é ainda mais desafiador. Considerando que essa modalidade exige ainda mais um trabalho pedagógico que favoreça situações reais de uso da linguagem oral nos diversos contextos, é imperativo inserir os estudantes jovens, adultos e idosos em práticas demandadas pelos contextos sociais em que vivem (FREIRE, 2014), tomando a oralidade não apenas como instrumento de interação, mas como objeto autônomo de ensino.

Com isso, no contexto da EJAI, a escolha de um livro produzido especificamente para os/as seus/suas estudantes, a partir das demandas apresentadas por esse público, reveste-se de um significado especial. No processo de seleção desses materiais, os docentes devem estar atentos a algumas especificidades próprias a esse público, formado por sujeitos que trazem consigo uma bagagem de experiências advindas do contexto social e familiar em que estão inseridos, assim como das necessidades impostas pelo mundo do trabalho (ALVARENGA, 2011). Dentre essas especificidades, devem observar se os livros possibilitam a ampliação de saberes, relacionados aos diversos campos do conhecimento e vinculados aos componentes curriculares, já construídos pelos/as alunos/as e o desenvolvimento daqueles/as que ainda não apreenderam. Além disso, precisam perceber se as propostas ofertadas contribuem para que os/as alunos/as se situem de modo crítico no mundo que os/as cerca (BRASIL, 2014).

Faz parte desse processo construtivo o ensino de gêneros orais, dentre eles, o gênero formal entrevista, conceituado por Schneuwly e Dolz como

Um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado). Uma entrevista consiste, então, em fazer falar essa pessoa *expert* a respeito de diversos aspectos de um problema ou de uma questão, com o intuito de comunicar as informações fornecidas a terceiros, que representam, teoricamente pelo menos, a demanda de informações. Contrariando uma conversa comum, a entrevista apresenta um caráter estruturado e formal, cujo objetivo é satisfazer as expectativas do destinatário (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73).

Assim como Hoffnagel (2010), consideramos a entrevista um evento, e não apenas uma forma textual. A entrevista pode ser compreendida como uma constelação de eventos possíveis (HOFFNAGEL, 2010) ou como uma família de gêneros, em que se incluem a entrevista de seleção, a entrevista médica, a entrevista jornalística ou telejornalística, a entrevista radiofônica, a entrevista científica etc. (HOFFNAGEL, 2010). “Esses gêneros denominados genericamente de entrevistas são distintos, uma vez que o papel social de entrevistado e entrevistador, o suporte, o contexto de produção e de recepção, dentre outros elementos, são ou podem ser distintos” (MORATTO; STORTO; BARROS, 2020, p. 547). Apesar disso, seguem sendo entrevistas. Trata-se de um gênero altamente informativo e cujo objetivo é disseminar conhecimentos ou informações (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; HOFFNAGEL, 2010). Logo, a prática social do gênero entrevista é informar sobre determinado assunto ou pessoa, “embora toda entrevista pretenda obter informações, o tipo e uso dessas informações podem servir a vários fins” (HOFFNAGEL, 2010, p.198).

Manifesta-se originalmente em esferas públicas formais, e é recorrente, principalmente, dos meios midiáticos (ex. entrevista com celebridades etc.), jornalísticos e profissionais (ex. entrevista de seleção, entrevista médica etc.), sendo, também, um gênero já bastante difundido no ambiente escolar. Transita tanto no campo da escrita, como também no campo da oralidade, por intermédio do rádio, da televisão e da *internet*. Entretanto, “a entrevista é um gênero primordialmente oral. Nas várias listas de gêneros de entrevista, a maioria refere-se a interações orais (entrevista com médico, entrevista para conseguir emprego, entrevista coletiva etc.)” (HOFFNAGEL, 2010, p.197).

É possível, ainda, comparar a entrevista a um “jogo de papéis”, em que há a presença de um “entrevistador”, que “faz perguntas”, “incita a transmissão de informações”, a um “entrevistado”, que, a partir do momento em que aceita participar da dinâmica, “é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73). Os/as entrevistadores/as, “ao assumirem o controle sobre a ação de perguntar, adquirem, por conseguinte, controle sobre a introdução de tópicos, podendo, estrategicamente, realizar mudanças ou selecionar os próximos tópicos, a partir do que consideram ter sido relevante nas respostas” (SILVEIRA, 2009, p.80). Trata-se, portanto, de uma interação assimétrica, ou seja, interação na qual “um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, redigir, concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s)” (MARCUSCHI, 2006, p.16).

No que tange aos papéis sociais dos interlocutores envolvidos na produção, circulação e recepção de entrevistas, há: i) entrevistador/a, concebido como o mediador da situação

comunicacional, responsável por abrir e fechar a entrevista, fazer as perguntas, suscitar a palavra do entrevistado; ii) entrevistado/a, especialista ou alguém que tem um dado domínio em um tema em questão (*expert*), também pode ser uma figura pública, de quem se quer saber mais a respeito de vida pessoal, ou pode ser um indivíduo que busca uma colocação profissional, passando por entrevista de seleção, cuja finalidade é levantar dados pessoais, formação acadêmica, experiências etc. (MORATTO; STORTO; BARROS, 2020); o/a entrevistado/a desempenha a função de responder às perguntas feitas pelo/a entrevistador/a, fornecer as informações pedidas e contribuir com o desenvolvimento do tópico discursivo; isso é válido mesmo quando há várias pessoas sendo entrevistadas simultaneamente (HOFFNAGEL, 2010); iii) público/ audiência/ auditório, relativo aos/às interessados/das nos tópicos desenvolvidos na entrevista que, a depender do lugar social em que a entrevista for produzida, ouve as informações expostas pelo/a entrevistado/a ou lê a transcrição ou a síntese da entrevista (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Isso porque “tanto as perguntas como as respostas são formuladas com uma audiência específica em mente” (HOFFNAGEL, 2010, p.198).

Além dos aspectos já mencionados, outros também corroboram para atribuir maior formalidade ao gênero, são eles: i) a organização interna da entrevista, que consiste nas diferentes partes que compõem a sua dinâmica de realização, a saber: abertura, fase de questionamento/núcleo (fase tópica), e fechamento; ii) a regulação local, que consiste na troca de turnos entre os participantes, formulação e utilização de questões, por parte do entrevistador, assim como intervenções rápidas que objetivam encorpar, estabelecer continuidade e retomada ao tema abordado ou possibilitar novas questões ou comentários (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

No momento da entrevista, nem sempre uma pergunta é seguida de uma resposta, visto que, dependendo da interação entre os/as participantes, a ordem desse par-adjacente pode ser alterada (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006). Os temas de uma entrevista são distintos, variam muito de acordo com a esfera social em que se manifesta o gênero e também dos objetivos da interação. A entrevista telejornalística é um gênero híbrido, pois o/a entrevistado/a pode narrar (relatando um fato, experiência) ou expor (falar sobre fato ou opinião de forma argumentativa, informativa ou explicativa). Novamente, isso depende do contexto da entrevista. Linguisticamente, em entrevistas, devido à esfera formal em que elas ocorrem, é mobilizada a variedade de maior prestígio da língua. Devido à produção ser, *a priori*, oral, muitas marcas da língua falada se fazem presentes, entre as quais salientamos a presença de marcadores conversacionais, repetições, correções, paráfrases, digressões, parênteses etc. Muitos elementos

não linguísticos (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004) são importantes na produção e compreensão desse gênero, como as pausas, o contorno entonacional enfático, a posição dos locutores, os movimentos corporais e de mãos e cabeça, a disposição dos lugares etc. Tudo isso, junto, colabora para a produção de sentidos.

Além dessas dimensões que caracterizam o gênero, é necessário entender que a didatização da entrevista pode ser uma ferramenta produtiva para o trato com a oralidade no que diz respeito a “reflexões sobre práticas orais” e à “produção e compreensão de textos” (LEAL, 2022, p. 40). Essas dimensões envolvem habilidades que visam a observar questões ligadas a: emprego de recursos verbais e não verbais, ou seja, nas especificidades da produção oral; reflexões que contemplem a produção e a compreensão de textos, considerando as diferentes finalidades e monitoramento da própria fala; escuta atenta; avaliação das condições de produção, circulação e recepção do discurso nesse gênero etc. Isso tudo porque “a entrevista já se tornou uma força poderosa na sociedade moderna” (HOFFNAGEL, 2010, p.195). Por conseguinte, nossa capacidade de desenvolvimento do papel de entrevistado/a “influi em nosso sucesso nos campos de educação e trabalho; nossas respostas ajudam a determinar se recebemos serviços básicos” (HOFFNAGEL, 2010, p.195), o que é fundamental, inclusive na EJAI.

Em diálogo com esse agrupamento teórico, seguimos para a análise dos dados.

Entrevista no Livro Didático de EJAI: Análise dos Dados

Imersas na proposta da coleção *EJA Moderna*, trouxemos o recorte de atividade disposto no volume do 8º ano, porque a consideramos representativa para ilustrar o objetivo deste artigo, que busca investigar a didatização da entrevista na coleção de livro didático “EJA Moderna” destinada à Educação de pessoas Jovens, Adultas e Idosas. De modo específico, buscamos compreender quais estratégias são propostas para a vivência desse gênero no contexto escolar.

A atividade envolve o estudo do gênero entrevista, que vem proposto de forma sistemática ao longo das seções “Para estudar o gênero”, “Para escrever” e “Para falar em público”. Apesar de esse gênero ser tratado de maneira mais sistemática nessas seções, ao longo de todo o capítulo 2, intitulado “Entre perguntas e respostas”, também são propostas atividades de leitura, interpretação e análise linguística que tomam entrevistas como textos norteadores.

Inicialmente, a atividade propõe a leitura e a análise de uma entrevista. Solicita aos/as alunos/as que observem o título e a fonte em que foi publicado e que conversem entre si sobre o assunto tratado. Em seguida, o material didático pede que as ideias levantadas sejam

partilhadas oralmente com a turma e o/a professor/a. Após esse momento inicial de levantamento das informações prévias, eles/elas são orientados/as a lerem completamente o texto e a responderem a algumas questões. Os/as docentes são orientados/as, no manual do/a educador/a, a explorarem os conhecimentos prévios dos/das alunos/as acerca do gênero entrevista, antes da realização dessa atividade inicial, por meio de questionamentos como: “O que é uma entrevista? Com que objetivos uma entrevista é realizada? Qual é a função desse gênero na sociedade? Você já assistiu a uma entrevista na televisão ou ouviu uma no rádio?” (EJA MODERNA, 2014, v.8, p.38). Percebemos que esse movimento pode possibilitar que os/as alunos/as reflitam sobre algumas características da entrevista, dentre elas, seu conceito, objetivo e função comunicativa e social; além de oferecer ao/à docente a oportunidade de compreender quais conhecimentos acerca do gênero os/as alunos/as já possuem e quais ainda precisam ser ampliados, desenvolvidos e tomados com maior atenção no processo de ensino (DOLZ; MESSIAS, 2015).

Observamos que, ao longo da atividade de análise de um exemplo de entrevista escrita, são lançadas questões que possibilitam aos/às alunos/as pensarem sobre elementos estruturais e composicionais desse gênero: “Observe como o texto foi organizado. Há dois parágrafos que antecedem as perguntas e respostas. Qual seria a função desses parágrafos?”; “Por que você acha que as perguntas vêm destacadas e separadas das respostas?” (EJA MODERNA, 2014, v. 8. p.41). Também são apresentadas perguntas que tratam de elementos próprios à situação comunicativa em que esse gênero se materializa, como identificação dos interlocutores, adequação do conteúdo temático, função assumida pelo entrevistador durante o processo de organização e produção da entrevista: “Quem serão, possivelmente, seus leitores? Você considera a entrevista adequada a esse público?”; “Você acredita que a repórter que entrevistou Fernando Meirelles tenha precisado se preparar para conduzir a entrevista? Como ela teria feito isso?” (EJA MODERNA, 2014, v. 8. p.41).

Por meio desses movimentos, percebemos que a coleção oferta como estratégias de ensino o levantamento e a construção de informações relacionadas à entrevista mediante uma dinâmica reflexiva, que conduz os/as estudantes ao resgate de conhecimentos já elaborados por eles/elas durante a análise de como esse gênero se organiza em uma situação comunicativa concreta. Acreditamos que o desenvolvimento de práticas como essas podem contribuir para a ampliação dos saberes que os/as alunos/as possuem acerca da entrevista, bem como fazê-los/las compreender que não se trata de uma atividade distante de suas vivências, mas que se encontra inserida no contexto social do qual fazem parte.

Em seguida, a obra apresenta o conceito, a função e as características do gênero; e segue, contextualizando com os/as alunos/as que, provavelmente, eles/as já tiveram contato com textos similares ao que foi lido na atividade anterior, em diversos contextos como jornais, revistas, internet, televisão ou rádio. Em seguida, explica que esses textos, estruturados a partir da sequência de perguntas e respostas, são chamados de entrevista. Observamos que, somente após retomar os conhecimentos prévios dos/as alunos/as, refletir e analisar um exemplo de entrevista, o gênero é nomeado no material em análise. Após nomear o gênero, situar os contextos comunicativos em que circula e como se organiza estruturalmente, os autores tratam dos papéis desempenhados por cada interlocutor dessa situação comunicativa: o entrevistador, que geralmente é um jornalista, e o entrevistado, alguém que tenha experiência com a temática a ser tratada e que seja reconhecido socialmente por isso. O material não discute outros papéis sociais do/da entrevistador/a, como ser médico (na entrevista médica) ou funcionário de recursos humanos (na entrevista de seleção). Infere-se que a entrevista estaria restrita à entrevista com especialistas.

Logo após, a coleção apresenta a função do gênero dentro da esfera comunicativa da qual faz parte, a jornalística, colocando-o como um gênero essencial a esse campo por servir de base para muitos outros, como notícias e reportagens. Aspecto que revela a flexibilidade própria dos gêneros textuais, que, por serem definidos a partir dos seus propósitos comunicativos, adaptam-se e se moldam às diversas necessidades humanas e aos variados eventos discursivos (MENDONÇA, 2007). Novamente, o material não apresenta a possibilidade da presença da entrevista em outras esferas de atividade humana, como a médica e a profissional.

Ainda nessa parte inicial, a proposta aborda a natureza oral da entrevista, já que se trata de um gênero que se materializa na realidade sonora, podendo ser depois transcrito e publicado em uma versão escrita, a depender do contexto comunicativo em que será veiculado. Nesse caminho, percebemos ainda que a atividade ressalta a importância de diferenciarmos a entrevista de uma simples conversa, já que ela precede de um planejamento anterior à realização das perguntas, em que são definidos os temas que serão abordados, os objetivos, a pessoa que será entrevistada e os questionamentos que nortearão toda a entrevista.

A proposta segue, discutindo que, em sua versão escrita, a entrevista apresenta algumas características próprias que vão além da sequência de perguntas e respostas. Por exemplo, elas apresentam um título, seguido ou não por um subtítulo, que têm a função de apresentar o tema a ser tratado e quem será o entrevistado, assim como o de despertar no leitor o interesse pelo texto. Além do título e subtítulo, apresenta, em sua parte inicial, um parágrafo introdutório, que

tem a função de apresentar maiores informações sobre o entrevistado e sua relação com o tema que será abordado por meio dos questionamentos. Observamos que, nesse momento, a atividade ressalta que, nessa introdução, ainda podem ser dadas informações acerca dos pontos principais que serão tratados e ampliados por meio da entrevista.

Ainda nessas etapas da proposta, notamos que *EJA Moderna* trata de maneira mais sistemática uma das principais características composicionais desse gênero: as perguntas e respostas. Para isso, lança um trecho da entrevista lida, para que os/as alunos/as analisem a função das perguntas e das respostas dentro do texto. Após essa reflexão, propõe a discussão sobre como as perguntas e as respostas se organizam, quais recursos são utilizados para diferenciá-las, destacá-las e situá-las, dentro do corpo do texto, como uso de negrito, itálico ou uso e tamanho diferenciado de letras; e sobre como elas são construídas: “em torno de um tema” e quem as elabora: “o entrevistador estuda esse tema e prepara um roteiro com as questões” (EJA MODERNA, 2014, v. 8. p.43).

Por meio dos encaminhamentos sugeridos pela proposta, vemos que todo o processo de reflexão acerca das características próprias da entrevista é sempre acompanhado da análise de alguns trechos retirados do texto analisado na atividade anterior. Isso nos revela a estratégia do livro didático de propor a compreensão dos elementos que constituem esse gênero oral a partir da análise e do estudo de um exemplar que demonstra o funcionamento do gênero em uma situação concreta. É importante ressaltar que as características discutidas ao longo dessas reflexões e apreendidas pelos/as alunos/as são comuns ao gênero, tanto em sua versão oral como escrita. Um exemplo disso é a presença da apresentação, presente no momento inicial de uma entrevista oral ou escrita, cuja função é introduzir a fala do entrevistado, para situar quem a estiver lendo, ouvindo ou vendo sobre o tema que será tratado e a pessoa entrevistada.

Acreditamos que essa poderia ser uma excelente oportunidade de a coleção sugerir o estudo sobre como se dá a relação de “imbricamento e mútua constitutividade entre fala e escrita” em atividades de linguagem que se materializam nessa interface, em busca de atender aos objetivos comunicativos pretendidos e impostos pelo contexto social em que ocorrem (MAGALHÃES; MATTOS, 2021, p. 225). No entanto, não é o que observamos, tendo em vista que a proposta se restringe a solicitar a transcrição da entrevista sem trabalhar os aspectos envolvidos nesse processo, como veremos mais à frente.

Após discutir vários aspectos do gênero entrevista, a partir da análise de alguns exemplares do gênero, percebemos que a obra apresenta uma proposta de produção de uma entrevista na seção “Para escrever”. Em um primeiro momento, orienta os/as alunos/as a, junto

com um/uma colega, escolherem alguém para ser entrevistado/a, pensar nos objetivos e na temática que será abordada na entrevista. Após decidirem esses elementos, os/as estudantes são orientados/as a seguir para a produção que se organizará em três etapas: 1. Planejamento; 2. Elaboração; 3. Avaliação e Reescrita.

A etapa de planejamento retoma a orientação dada no momento inicial da seção, indicando que, após a definição do tema e da pessoa que será entrevistada, é necessário os/as alunos/as decidirem o conteúdo a ser abordado ao longo da entrevista. Para isso, *EJA Moderna* sugere que os/as estudantes realizem pesquisas sobre o assunto, o que ampliará seu conhecimento acerca do tema e lhes dará base para uma melhor elaboração das perguntas a serem lançadas, assim como para a compreensão das respostas dadas pelo/a entrevistado/a. Com isso, percebemos estratégias que podem auxiliar o/a professor/a no trabalho com o conteúdo temático, um dos principais elementos constitutivos dos gêneros, contribuindo para uma maior compreensão dos/das discentes sobre a importância do tratamento das informações que servem como base para a produção de uma entrevista.

A proposta ainda amplia as orientações acerca da elaboração das perguntas, já trabalhadas em momentos anteriores, ressaltando que devem ser construídas a partir dos objetivos traçados e do assunto escolhido. Salienta também que, nesse processo, os/as alunos/as precisam seguir uma sequência gradativa, iniciando por questões mais gerais e aprofundando por meio de questionamentos mais específicos, sempre considerando as suas expectativas, enquanto entrevistador/a, e a do público-alvo, possíveis leitores, ouvintes e espectadores.

Além de adequar as perguntas aos objetivos traçados e ao interesse do público-alvo, a obra chama a atenção para a importância de os/as alunos/as se certificarem de que as perguntas estão adequadas à personalidade, à idade e ao nível sociocultural do entrevistado, bem como à situação discursiva em que a entrevista ocorrerá (momento, lugar) e ao assunto que será tratado. Sobre a linguagem a ser utilizada, a proposta orienta a escolha de “um vocabulário claro e acessível” (EJA MODERNA, 2014, v. 8. p.47), de maneira que as perguntas sejam bem compreendidas e respondidas. Movimentos que nos revelam a funcionalidade desses elementos que não só estruturam a entrevista de ponto de vista organizacional, mas que contribuem diretamente para composição das informações que serão compartilhadas, tendo como base sua função discursiva.

Ainda nessa etapa de planejamento, vemos que a coleção, ao tratar das estratégias de organização, pontua a importância de os/as alunos/as delimitarem um tempo máximo para a realização da entrevista, observando se a quantidade de questões elaboradas é adequada ao

tempo disponível. Para isso, é imprescindível a produção de um roteiro que norteará todo o encontro com o entrevistado. A atividade sugere que essa etapa seja organizada com o auxílio do/a professor/a. Após elaborarem todas as questões e o roteiro da entrevista, os/as alunos/as devem combinar com o/a entrevistado/a um dia e horário para a realização da atividade. Nesse momento, eles/as devem explicar o objetivo do encontro e o tema da interação. Por fim, também apresenta aos/as alunos/as quais recursos são necessários para a realização da entrevista: papel e caneta ou um gravador para registrar todas as respostas.

No manual do educador, é sugerido aos/às docentes que, antes da etapa de elaboração da entrevista, solicitem aos/às alunos/as que realizem as atividades propostas na seção “Para falar em público”. Nessa seção, os/as alunos/as têm que praticar algumas características próprias ao momento de realização de uma entrevista oral, por meio de uma simulação dessa situação discursiva. Os/as estudantes são orientados/as a sentarem-se com outra dupla e, cientes de quem será seu entrevistado e com as perguntas elaboradas em mãos, simular a realização de uma entrevista como estratégia para aprimorar essa etapa de produção do gênero.

Para isso, a turma deve seguir algumas instruções apresentadas no boxe “Dicas”, que se relacionam ao uso dos elementos linguísticos, extralinguísticos, paralinguísticos e cinésicos. Em um primeiro momento, são orientados que, para dar início à entrevista, eles devem cumprimentar o entrevistado, dando bom dia, boa tarde ou boa noite, e agradecê-lo por sua disponibilidade. Em seguida, devem iniciar as perguntas com um tom de naturalidade. Para esse momento, a coleção apresenta alguns encaminhamentos acerca de como eles podem treinar com os colegas da outra dupla: “leiam a pergunta em silêncio e, em seguida, olhem para o colega e façam-lhe a pergunta em voz alta, sem olhar no papel” (EJA MODERNA, 2014, v. 8. p.48). O fato de as noções extraverbais estarem em um boxe chamado de “Dicas” pode levar ao entendimento equivocado de que esses aspectos não fazem parte do gênero na oralidade. Na realidade, os elementos não verbais e prosódico típicos da fala são inerentes aos gêneros orais, devendo ser valorizados como tal.

Durante todo esse processo, eles/as devem prestar atenção ao tom de voz utilizado, falando com clareza e com um volume adequado à situação. Ao tratar desses elementos, a obra possibilita aos/às alunos/as refletirem acerca dos diversos recursos linguísticos necessários à realização do oral. Além disso, contribui não apenas para a análise, produção e avaliação da entrevista, mas de variados gêneros orais (MELO; CAVALCANTE, 2007). Além desses aspectos, são dadas orientações sobre a importância de os/as alunos/as aproveitarem esse ensaio para simularem a elaboração de novas perguntas, de improviso, para que estejam preparados/as

caso surja, ao longo da entrevista, um novo assunto sobre o qual eles/as não haviam pensado antes.

Após essa simulação, a proposta volta-se à etapa de elaboração de entrevistas. Nesse momento, a atividade pede que os/as alunos/as revejam e anotem as principais características das entrevistas estudadas ao longo do capítulo. Em seguida, eles/as devem realizar uma entrevista no dia e horário marcados com o/a entrevistado/a, seguindo o roteiro elaborado na etapa de planejamento, o qual pode ter sido ampliado na simulação realizada na seção “Para falar em público”. A proposta ainda chama a atenção para que os/as discentes aproveitem bem esse encontro, prestando atenção ao que o/a entrevistado/a fala, para que, caso seja preciso e ele/ela exponha uma opinião inesperada, estejam preparados/as para formular novas perguntas ou ampliar as já existentes.

Depois da realização da entrevista oral, a obra orienta os/as alunos/as a transcreverem as perguntas e respostas coletadas. Para isso, devem lembrar da estrutura desse gênero, que já foi discutida em seções anteriores. Nesse processo de transcrição, devem observar a escolha das palavras que utilizarão no título e no texto. Ressaltamos, mais uma vez, que esse pode ser um momento interessante para explorar como se dá a relação entre a oralidade e a escrita, no processo de construção de um gênero que, embora se apoie prevalentemente na oralidade, estabelece diálogos sistemáticos com a escrita. No entanto, vemos que esse será um trabalho que dependerá das estratégias que serão inseridas pelos/as docentes na realização dessa atividade, já que a coleção não sinaliza para a importância e a necessidade do estabelecimento e da reflexão sobre essa relação junto aos estudantes.

Após transcrever a entrevista, os/as alunos/as passarão à etapa de avaliação e reescrita, em que realizarão a leitura dos seus textos. Após reler seus textos, cada dupla se reunirá com outra para que cada uma leia a entrevista dos colegas, observando se o trabalho apresenta as características próprias a esse gênero. Nesse momento, poderão sugerir modificações e ajustes para aprimorar os textos. Após essa troca, cada dupla observará as sugestões dadas e, se preciso, farão uma nova revisão, melhorando o que for necessário nas suas entrevistas. Com esse movimento, percebemos um cuidado da proposta para que os textos, que serão apresentados, sejam revisados de acordo com as características estudadas. Além disso, oferta aos/às alunos/as a possibilidade de colocarem em prática os conhecimentos que construíram, ao longo de todo o capítulo acerca do gênero estudado, por meio de um olhar crítico-reflexivo sobre a sua produção e a dos seus/suas colegas.

Vejam os quais considerações podemos tirar da proposta com o gênero entrevista, apresentada pela coleção *EJA Moderna* - 1º ao 9º ano.

Considerações Finais

Embora não queiramos “tirar uma conclusão fechada” sobre o cenário apresentado neste artigo, entendemos, em função dos objetivos deste texto, que alguns elementos podem ser destacados, mas priorizamos dois deles: 1) a frequência com que o gênero é mobilizado na obra; 2) a proposta de didatização com a entrevista.

Em termos de ocorrência da entrevista na proposta da obra, vemos que a coleção *EJA Moderna* oferta pouco espaço ao gênero. Observamos um cenário limitador, uma vez que o protótipo aparece apenas duas (2) vezes, nos volumes 3 e 8, respectivamente. Se considerarmos, por exemplo, que a frequência pode representar a prioridade dada ou não pela obra, a exploração de determinadas capacidades advindas do trato com o gênero, uma abordagem pontual pode ser indicativa da minimização das potencialidades desse trabalho para a ampliação de determinadas capacidades de linguagem.

No que concerne à didatização, precisamos considerar que o trato com a entrevista, conforme atividade analisada, mostra-se com potencial de exploração do gênero, oportunizando uma prática significativa de estudo e reflexão acerca do uso público formal da língua oral, atribuindo sentido ao desenvolvimento de habilidades decorrentes das dimensões de ensino da oralidade (LEAL, 2022). Saberes que contribuirão não apenas para a compreensão e a produção desse gênero oral específico, mas que podem ser mobilizados nas variadas situações de uso da fala em diferentes contextos, especialmente os mais formais.

Embora a proposta revele lacunas, observamos que se manifesta como uma importante ferramenta de auxílio à prática de ensino, tendo em vista que possibilita a inter-relação entre variadas estratégias e atividades e abre espaço para a realização de ajustes e ampliações pelos docentes a depender das demandas apresentadas pelos discentes no ambiente escolar; afinal, a obra é um suporte e não uma reguladora de práticas cristalizadas (BILRO, 2023).

Em síntese, a partir dessas reflexões, consideramos importante destacar o papel que o gênero entrevista assume na vida cotidiana dos/as alunos/as, especialmente do público a que estamos pondo em foco neste artigo. Os/as alunos/as de EJA são sujeitos de direito, e o investimento nas dimensões e habilidades decorrentes da exploração dos gêneros orais deve ser

assegurado a todos e todas, de modo que possamos contribuir com a ampliação de práticas cidadãs, por meio das quais esses sujeitos possam agir de maneira mais consciente em situações que exigem um maior grau de planejamento e preparação da fala.

A partir dessas considerações, ressaltamos que o olhar empregado por nós deve suscitar novos questionamentos e até refutações, porque é nesse movimento que se faz ciência. Portanto, abrimo-nos para visões plurais e fortalecedoras do debate em torno do ensino dos gêneros orais.

Referências

ALVARENGA, Marcia Soares de. Políticas e práticas de linguagens com jovens e adultos em contexto escolar. In: ALVARENGA, Marcia Soares de (Org.). *Educação de Jovens e Adultos: em tempos e contextos de aprendizagens*. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 2.reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2019.

BILRO, Fabrini Katrine da Silva; BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo; COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da. Gêneros Oraís, Livro Didático e Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas: mapeando cenários de didatização. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 3, p. 1477–1499, 2022.

BILRO, Fabrini Katrine da Silva. *Gêneros orais nos livros didáticos e na prática docente: investigações sobre as proposições e o ensino no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos*. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Guia dos Livros Didáticos do PNLD EJA 2014*. Natal: EDUFRRN, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos: PNLD 2011: EJA*. Brasília: MEC; SECAD, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Guia de livros didáticos: PNLD 2008: EJA*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*: Lei 9.394, 20/12/1996. Brasília, 1996.

BUENO, Luzia; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Orgs.). *Gêneros orais no ensino*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

BUENO, Luzia; JACOB, Juliana Bacan; ZANI, Ana Elisa. Das apresentações orais (produção e compreensão) na BNCC da Educação Básica às comunicações orais no Ensino Superior: por um diálogo entre os dois níveis de ensino. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v.20, n.3, p.1500–1524, 2022.

BUENO, Luzia; JACOB, Ana Elisa; ZANI, Juliana Bacan. Gêneros orais na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): uma análise dos anos iniciais. In: MAGALHÃES, Tânia Guedes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (Orgs.). *Oralidade e ensino de Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2018, p.143-166.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra; MELO, Cristina Teixeira Vieira de. Gêneros orais na escola. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.89-102.

COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da (Org.). *Por que ensinar gêneros orais na escola?: teorias e didatizações*. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco, 2018.

COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da. *Oralidade e ensino: saberes necessários à prática docente*. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco, 2013.

COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da. *Livros didáticos de língua portuguesa: propostas didáticas para o ensino do oral*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da; BILRO, Katrine da Silva. Livro didático e ensino dos gêneros orais formais: reflexões no contexto da educação de jovens e adultos. *Linha Mestra* (Associação de Leitura do Brasil), v. 30, p. 298-302, 2016.

COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da; BILRO, Katrine da Silva; MAGALHÃES, Tânia Guedes. Gêneros orais nos livros didáticos: mapeando a diversidade textual/discursiva presente nas escolas públicas brasileiras. *Letras*, p.243-260, 2020.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça; MAGALHÃES, Tânia Guedes (Orgs.). *Ensino de linguagem: perspectivas teóricas e práticas pedagógicas*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2016.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Angela Paiva (Org). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.177-196.

DOLZ, Joaquim; BUENO, Luzia. Gêneros orais e gêneros produzidos na interface escrito-oral: o discurso de formatura no ensino fundamental e sua contribuição para o letramento escolar.

In: BUENO, Luzia; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Orgs.). *Gêneros orais no ensino*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p.117-138.

DOLZ, Joaquim; MESSIAS, Carla. A rádio como um lugar para o ensino da compreensão e produção oral. In: BUENO, Luzia; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Orgs.). *Gêneros orais no ensino*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p.169-196.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Glaís Sales Cordeiro e Roxane Rojo Helena Rodrigues. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p.125-158.

EJA MODERNA. *EJA Moderna Língua Portuguesa: 1º ao 9º ano do ensino fundamental*. Organizadora: Editora Moderna: obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. São Paulo: Moderna, 2014.

FÁVERO, Leonor Lopes; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 49.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p.195-208.

LEAL, Telma Ferraz. Reflexões sobre o ensino da oralidade na escola: o oral em documentos curriculares, livros didáticos e na prática docente. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos*. Universidade Federal de Juiz de Fora, vol. 26, n.1, p.26-51, 2022.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MAGALHÃES, Tânia Guedes. *Concepção de oralidade: a teoria nos PCN e no PNLD e a prática nos livros didáticos*. 2007. 221f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, 2007.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; MATTOS, Pilar Silveira. Oralidade e formação de professores(as): propostas e desafios na mobilização de capacidades docentes para o agir profissional. In: MAGALHÃES, Tânia Guedes; BUENO, Luzia; COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da (Orgs.). *Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p.221-254.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.25-46.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Superando os obstáculos de avaliar a oralidade. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (Orgs.). *Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica*. 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.75-94.

MENDES, Estephane Priscilla dos Santos. *A oralidade nos livros didáticos e nas salas de aula de alfabetização: compreensões docentes e uso do livro didático para esse ensino*. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

MENDONÇA, Márcia. Gêneros: Por onde anda o letramento? In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.37-56.

MORATTO, Juliana; STORTO, Letícia Jovelina; BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Gênero discursivo oral entrevista de seleção: elementos ensináveis para transposição didática e proposta de atividade. *Letras*, Santa Maria, Especial, 2020, n. 01, p. 543-564, 2020.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

OLIVEIRA, Eliana de; ENS, Romilda Teodora; ANDRADE, Daniela B. S. Freire; MUSSIS, Carlo Ralph de. Análise de conteúdo e pesquisa na área de educação. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio/ago. 2003.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. O perfil do livro didático de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries). In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Orgs.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p.69-99.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Gláís Sales Cordeiro e Roxane Rojo Helena Rodrigues. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SILVEIRA, Sonia Bittencourt. Ações tópicas e papéis discursivos em entrevistas de emprego. *Veredas, Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 79-89, 2009.

SOUZA, Julia Teixeira. *As dimensões de ensino da oralidade presentes no currículo e nas práticas de professoras da rede municipal do Recife*. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2022.

STORTO, Letícia Jovelina; BRAIT, Beth. Oralidade na educação básica: trabalhando com o gênero receita culinária. In: RODRIGUES, Isabel Cristina França dos Santos; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco. *As interfaces possíveis no processo de ensino e aprendizagem de línguas e culturas*. Campinas: Pontes Editores, 2021, p.45-74.

STORTO, Leticia Jovelina; BRAIT, Beth. Ensino de gêneros discursivos orais em livros didáticos de língua portuguesa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v.62, n.00, p.e020015.

Recebido em 04 de abril de 2023.

Aceito em 25 de abril de 2023.